

Tribuna da Luta Operária

Nº 31, ANO II, DE 17 A 30 DE JANEIRO DE 1981

PREÇO DE VENDA EM BANCAS: Cr\$ 15,00

Desemprego tem solução: OS RICOS QUE PAGUEM A CRISE!



O alto-falante do Fundo de Greve irradia na porta da Volks a luta pelo emprego

Uma semana depois do início das demissões em massa, 500 operários da Volkswagen foram ao comício na porta da fábrica em São Bernardo. Lula, Gilson, Djalma e Expedito, diretores cassados do Sindicato, foram ouvidos com atenção pelos metalúrgicos, que desafiavam a segurança da fábrica.

Os sindicalistas convocaram todos para as primeiras assembleias da campanha salarial deste ano, nos dias 13 e 14 de fevereiro, na Praça da Matriz. Junto com a campanha salarial e a luta pela retomada do Sindicato, ainda sob intervenção, aparece agora com força a bandeira da reconquista da estabilidade no emprego, surrupiada pelo regime militar. "Vocês é que devem decidir — disse Lula — se querem continuar a luta ou não, mesmo que tenham demitido 3 mil, 4 mil, 7 mil ou quantos sejam. Quem for favorável à luta pelos nossos direitos, pela campanha salarial deste ano, levante a mão".

Percebia-se o entusiasmo reinante quando todos levantaram a mão. Até um vendedor ambulante que assistia o comício não se conteve: "Se todo mundo parar ao mesmo tempo, eu quero ver o que o governo faz". Djalma Bom também foi muito aplaudido, quando disse: "É como uma luta de boxe. Se a gente leva uma pancada e baixa a cabeça, só vai levar mais pancada. Vamos erguer a cabeça e partir para a luta. Vamos seguir o exemplo dos italianos da Fiat. Eles entraram em greve contra o desemprego e estão se organizando".

As 3.740 demissões na Volks em apenas uma semana, a indignação dos metalúrgicos com o tratamento de animais que os "alemães" lhes dispensam, as enrolações do ministro Murilo Macedo, "um homem que não devia ter nascido", as reações nos meios sindicais, a verdade sobre o desemprego e a crise do capitalismo, que os exploradores descarregam sobre os explorados, estão na reportagem da página 4.

Figueiredo perde o sono com medo da eleição de 82



O governo mais impopular da história do Brasil tá quebrando a cabeça para não perder feio nas urnas. Anísio de Souza, deputado capacho do regime, propõe eleição biônica.

Página 3

UNE desafia ministro da ignorância

Artigo de Aldo Rebelo - Pg. 3

Em São Caetano pelego milagreiro operou multiplicação dos votos

Página 4

Metalúrgicos de Osasco apostam em sindicato forte

Página 8

GRINGOS QUEREM ESTERILIZAR O BRASIL!

Página 2

O futuro é do povo e não dos generais

Os generais andam falando em otimismo e confiança no futuro. Figueiredo prevê dias melhores, diz que "é hora de confiar no Brasil e trabalhar ainda mais". Mas os fatos não ajudam esse otimismo. Pelo contrário, apontam para uma crise cada vez mais grave.

Como presente de fim de ano, os transportes coletivos tiveram um grande aumento nas tarifas. A carne deve subir uns 50% até o fim de janeiro. Já disseram que a prestação das casas do BNH também vai subir, 50 ou 60%. O café deve mais do que dobrar de preço, para não falar da luz, gás, telefone e outras coisas essenciais. E da gasolina.

Só os salários continuam arrochados. E os capitalistas buscam uma forma de acabar com os reajustes semestrais. Será que os trabalhadores podem ignorar esta carestia desenfreada e acreditar nos "dias melhores" dos donos do poder?

Quando havia crescimento da economia, o regime militar dizia que era preciso trabalhar duro primeiro, deixar o bolo crescer, para depois dividir. Agora, dizem novamente que é preciso trabalhar duro, para enfrentar a crise!

O operário se sacrifica, faz crescer a economia do país, e, na hora da crise, jogam sobre ele as consequências. Então ele novamente se sacrifica, enfrenta o desemprego e os preços altos, para o patrão continuar

recebendo lucros elevados. Esta é a lógica do sistema capitalista, e o regime militar, com seus generais, está a serviço dele.

Os trabalhadores não têm porque alimentar ilusões neste regime. Enquanto os generais estiverem no poder, e enquanto durar o capitalismo, quem for trabalhador vai passar dificuldade.

Numa situação dessas, em que se agravam as contradições em todos os setores da vida nacional, só se pode garantir direitos com luta decidida. Mais do que nunca é importante unir e organizar a classe operária, os assalariados agrícolas, os camponeses, fazer da unidade popular uma força política capaz de intervir nos acontecimentos. Junto com todos os democratas, o povo unido pode liquidar o regime militar e criar as condições para uma verdadeira democracia popular e abrir caminho para o socialismo.

Desta forma, a classe operária tem motivos para ser otimista. O futuro pertence ao povo e não aos generais, ao socialismo e não ao capitalismo. Os trabalhadores e o povo brasileiro podem livrar-se do peso que os capitalistas lhes atiram nas costas. Podem mudar a situação do país e fazer com que os ricos paguem a conta da crise.



Diário de Notícias/Rib. Preto

A população rebelada enfrentou como pôde os tiros criminosos dos PMs

Revolta em Santa Cruz:

POVO TOMOU A CIDADE E
OS PMs CORRERAM
Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois

Última página

Esterilização é presente de gringo

Há três meses o Banco Mundial, controlado pelos banqueiros americanos, divulgou um relatório analisando o futuro da América Latina, onde afirmava a necessidade de se adotar uma política eficiente para se evitar o crescimento populacional. Agora, o ministro brasileiro da Saúde, Valdir Arcoverde, anuncia a implantação de um "Programa de Planejamento Familiar" em todo o país. A partir de janeiro deste ano, a rede hospitalar do INAMPS e das Secretarias Estaduais de Saúde deverá estar fazendo esterilização em homens e mulheres.

Mas o controle de natalidade já vem sendo praticado há bastante tempo no Brasil. Somente em 1975 a Sociedade Brasileira de Bem-Estar Social (BENFAM), financiada por milionários americanos, distribuiu anticoncepcionais a cerca de 1 milhão e 400 mil mulheres em 13 Estados da Nação.

AOS POBRES, PÍLULAS
Os ricos vivem aterrorizados com o fantasma do crescimento da população mais pobre. Temem que um grande número de pessoas sofredoras, maltratadas e famintas venha a perturbar sua tranquilidade e colocar em risco seu domínio. Por este mesmo motivo, o rápido crescimento da população dos países subdesenvolvidos causa pânico nos imperialistas.

A pretexto de "ajudar" os necessitados, os imperialistas e as classes dominantes em geral pregam o "controle de natalidade". Querem limitar o número de filhos que os



8 milhões de esterilizações em um ano na Índia. Chegaremos a isso?

pobres devem ter, como se isso resolvesse o problema da fome, da falta de assistência médica, do desemprego, etc.

Segundo recente denúncia do general Andraia Serpa, somente a Fundação Rockefeller tem um plano para instalar 700 clínicas aqui no Brasil com o objetivo de esterilizar 15 milhões de brasileiros.

SERVINDO DE COBAIAS

A grande maioria das mulheres que usam anticoncepcionais não sabe dos riscos que estão correndo. Já está provado que as atuais pílulas anticoncepcionais causam frequentes e graves danos à saúde, como câncer, atrofia dos ovários e problemas de circulação do sangue. Mas o mal não acaba aí. Diversas mulheres estão servindo de coai-

para experimentos de novos anticoncepcionais. O cientista baiano Elsimar Coutinho vem testando dois tipos de substâncias em mais de seis mil mulheres brasileiras.

Já foram feitas várias denúncias de esterilizações sem consentimento das mulheres. Uma jovem de 30 anos de Rolândia, no Paraná, afirmou à **Tribuna** que "fez uma operação" e que "depois o médico disse que não podia mais ter filhos". "Se soubesse — disse indignada — eu não deixava".

GATO POR LEBRE

Algumas pessoas entrevistadas pela **Tribuna** acharam que a esterilização era "uma boa", porque assim teriam menos filhos e menos dificuldades. Não perceberam que estavam comendo gato por lebre.

É claro que o casal, e particularmente a mulher, tem o direito de ter o número de filhos que desejar. Mas precisa ter condições para fazer essa escolha. Precisa conhecer os riscos dos métodos anticoncepcionais e saber o que significa de fato uma esterilização.

Quando o governo impõe o controle de natalidade sem explicar às mães os riscos que estão correndo e sem dar-lhes as mínimas condições de escolha, não defende os direitos da mulher ou dos pobres, mas pisa em cima deles. Como uma operária ou camponesa pode querer ter muitos filhos se não tem condições para mantê-los? Sem se resolver o problema da fome e da miséria, o controle de natalidade não é um direito, mas uma imposição.

SOCIALISMO RESOLVE

Por detrás da pregação do governo a favor do controle de natalidade está o problema da existência de uma sociedade dividida em exploradores e explorados. E no Brasil o regime militar, longe de solucionar este problema, só vem contribuindo para agravá-lo.

Fome só não existe mesmo onde há igualdade social. Onde todos têm direito a trabalho, salário digno, condições de moradia, assistência médica. Onde não há milionários sugando o suor dos que trabalham. Ou seja, no sistema socialista. Aí sim, o controle de natalidade pode ser um direito, uma escolha do casal e da família e não uma imposição.

(Domingos Abreu, Olívia Rangel)



Moradora observa sua casa destruída pela polícia

PREFEITURA CONTRA INVASORES

Destruindo barracos

Goiânia, GO — No dia 6 de janeiro, funcionários da prefeitura de Goiânia, acompanhados de policiais da PM, derrubaram três barracos na região do Areião e Jardim Goiás. Há cinco anos que os moradores destas duas invasões vêm sofrendo repressão e agressões policiais, desde que os posseiros necessitados contruíram ali suas casas.

Francisco Loyola, presidente da Associação dos Moradores do Areião diz que "no início da semana as máquinas que trabalhavam no alargamento do córrego Botafogo retiraram terra até chegar no barracão do Joaquim Brito, que com as chuvas fatalmente irá cair".

Há mais de um ano que o prefeito promete resolver o problema dos invasores do Areião, mas até o momen-

to quase nada foi feito. Afirma ainda Loyola que eles estão sendo agredidos todos os dias pelos fiscais da prefeitura, que vêm ao bairro fazer arruaças, ameaçando com revólveres os moradores. "As famílias que aqui residem estão se organizando para defender-se desses agressores".

A Associação marcou para dia 11 uma assembléia geral a fim de discutir os problemas causados pelas máquinas da prefeitura na casa de Joaquim Brito e a demolição do barracão de um outro morador. Resistindo a esses atos arbitrários, a Associação, juntamente com os moradores já programaram mutirão para a reconstrução dos barracos destruídos. (Da sucursal).

MOVIMENTO CONTRA A CARESTIA

Reizado da Carestia

Brasília, DF — Com a presença de cerca de 70 participantes, entre donas-de-casa, operários da construção civil, funcionários públicos e bancários, foi organizado em Brasília o Movimento Contra a Carestia. A reunião realizou-se no Círculo Operário de Taguatinga no dia 4 de janeiro.

No início da reunião foi feita uma exposição sobre os objetivos do movimento. Os presentes foram divididos em grupos para discutir os objetivos do MCC e sugerir medidas práticas de combate à alta dos preços. Entre as sugestões apresentadas estão o lançamento oficial do MCC em Brasília no dia 1º de Maio, pesquisas sobre o custo de vida feitos pelos participantes do movimento, abaixo-assinados, etc. Foi escolhida uma coordenação provisória do movimento, composta por um comerciante, dois membros do Círculo Operário, um economista e uma dona-

de-casa. (Do correspondente Paulo Sérgio Cassis)

MCC ARRECADANDO FUNDOS

Fortaleza, CE — Entre 5 e 6 de janeiro, populares realizaram um Reizado contra a Carestia, divulgando, de forma popular, a luta contra a alta dos preços. Grupos de 10 a 15 pessoas tocando bumbo, pandeiro, violão, maraca e cantando pararam de casa em casa. O dono atendia e dava alguma coisa, dinheiro, bebidas, alimentos e outras prendas. Em quase todas as casas em que se cantou músicas contra a carestia os donos abriram as portas e confraternizaram com os grupos. A iniciativa da Associação Interbairros do Ceará foi particularmente bem recebida nos bairros pobres. E assim, o MCC conseguiu muitos brindes para leiloar e arrecadar fundos. (Do correspondente)

DIREITOS HUMANOS

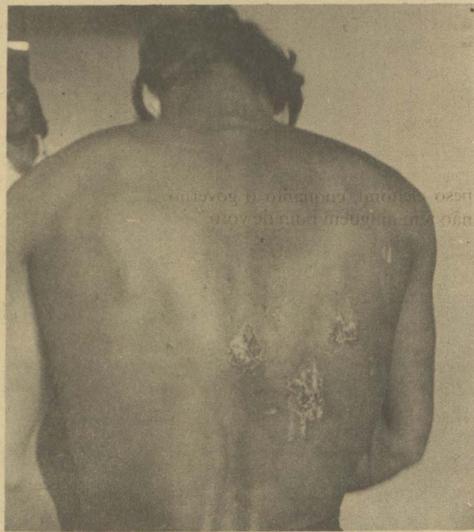
Tortura virou rotina

Goiânia, GO — Os 180 presos da Casa de Prisão Provisória de Goiânia enviaram uma carta a todos os jornais da cidade denunciando torturas praticadas pelo chefe de vigilância, subtenente Porto. No outro dia os repórteres foram falar com o diretor da Casa, Darcil Pereira, e viram com os próprios olhos as consequências das torturas. Um dos detentos tinha as costas cheias de feridas e marcas por todo o corpo.

Tudo começou depois de uma frustrada tentativa de fuga. Neste mesmo dia o torturador Porto começou a primeira sessão de espancamentos. O preso era colocado no chão, de costas para cima, e enquanto o subtenente pisava em sua cabeça, outro soldado aplicava golpes de borracha, seguido de pontapés. No outro dia de manhã, os torturadores voltaram e teve início outra sessão de torturas.

Feita a denúncia, o diretor da CPP iniciou uma sindicância, mas até agora só foram ouvidos os torturados. O subtenente Porto e seus soldados negaram-se a prestar depoimento. Até o momento continuam impunes. (Da Sucursal)

Maceió, AL — Comprovando as denúncias do deputado Renan Ca-



Detento torturado mostra as marcas da violência

leiros (PMDB), diversas vítimas de torturas e acadêmicos estagiários acusaram os médicos psiquiatras George Sanguinetti Fellows e Dário da Rocha Barros de praticarem torturas nos pacientes. Isto através de indiscriminadas aplicações de eletrochoques, no Manicômio Judiciário de Alagoas.

Com o colo do fêmur fraturado nas sessões de tortura, o advogado e professor José Zacarias, de 40 anos, ficou paralisado. Ele agora teme represálias por ter feito a denúncia. Depondo na CPI do Manicômio Judiciário, o sexanista de medicina José Medeiros confirmou as torturas, que já provocaram até casos de morte.

(Da Sucursal)

UNIÃO DAS ASSOCIAÇÕES DE BAIRROS

II Encontro de Bairros

Caxias do Sul, RS — Realizou-se no dia 13 de dezembro o II Encontro da União das Associações de Bairro da cidade, UAB. Dezenas de pessoas e representantes de 40 associações expressaram enérgico repúdio à política antipopular e entreguista do regime militar.

A luta dos posseiros do Pará foi lembrada como exemplo de decisão e o I Congresso Nacional de Luta Contra a Carestia foi saudado. O encontro concluiu pela necessidade de ações populares concretas contra a disparada dos

preços. Recomendou suspender o pagamento dos loteamentos irregulares até que sejam implantados serviços essenciais como água e esgoto.

Os presentes ao Encontro aprovaram por unanimidade a luta pela Constituinte livre e soberana. Exigiram a nacionalização, com controle popular, dos monopólios e reforma agrária radical. Condenaram o arrocho salarial e reivindicaram liberdade sindical e direito de greve.

(Do correspondente)

PROTESTO NA BAHIA

Passeata pela água e contra a Embasa

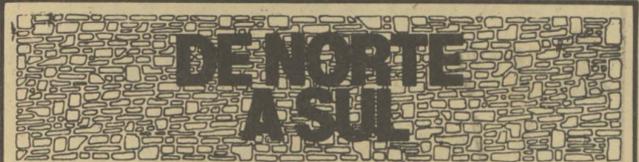
Camaçari, BA — Mais de 300 moradores da Gleba C saíram em passeata pela cidade manifestando seu repúdio à direção da Empresa Baiana de Saneamento, Embasa, exigindo fornecimento de água. Da passeata participaram mulheres, operários e crianças carregando latas e panelas vazias, além de vários carros com faixas e cartazes de protesto contra a péssima administração municipal e a atuação da Embasa. A medida que a manifestação ia passando, era engrossada por populares.

A Embasa estava fechada por determinação do chefe. Aí o povo começou a gritar: "A gleba não tem água, a culpa é da Embasa" e "Só vamos pagar quando a água chegar". Diante da decisão do povo de não arrear pé, os funcionários da empresa abriram o escritório, mas afirmaram que não atenderiam às exigências dos manifestantes.

O povo resolveu então pegar "na marra" os responsáveis pelo serviço de água e levá-los para soltar a água. As mulheres prenderam 3 funcionários e levaram-nos no meio da passeata até o local onde deveriam abrir o fornecimento de água. Lá chegando, os manifestantes depararam-se com policiais armados, que ameaçaram enquadrar todo mundo na Lei de Segurança Nacional. Revoltado, o povo começou a gritar em coro: "O povo unido jamais será vencido".

A polícia resolveu libertar e proteger os três funcionários da Embasa. A população não conseguiu água naquele dia. Mas a polícia também não conseguiu prender ninguém. O povo ainda não ganhou a guerra, mas venceu uma batalha. A água ficou correndo aquela tarde e no outro dia.

(Do correspondente)



Ameaça de despejo

Rio de Janeiro, RJ — 180 famílias da Favela de Cachoeirinha, na Barra da Tijuca, estão ameaçadas de despejo. Na manhã do dia 6 de janeiro foram surpreendidos por oficiais de justiça que despejaram 2 famílias e destruíram suas casas. No dia seguinte, mais de 100 representantes da recém-criada Associação de Moradores estiveram presentes na audiência com o juiz, portando cartazes de protesto. O juiz manteve a ação de despejo. Os favelados, com apoio de moradores do Vidigal, Indiana e Barrinha, além de advogados populares, enfrentaram a polícia armada de metralhadoras e bombas de gás lacrimogêneo. E conseguiram um prazo de 60 dias para serem removidos sob indenização. (Da Sucursal)

Abaixo-assinado

Juiz de Fora, MG — Moradores do loteamento Bom Sucesso, situado no bairro popular de São Benedito, fizeram um abaixo-assinado reivindicando água, luz e esgoto à Prefeitura Municipal. Os moradores têm ainda que aturar a explosão da Pedreira Central de Britagem na Fazenda Poço D'Anta, que vem poluindo a água. A prefeitura nega qualquer auxílio alegando que o loteamento não é cadastrado. Mas os moradores não desanimam. Estão dispostos a ir à luta e denunciar todas as irregularidades que o poder público local, representado pelo PDS, vem cometendo. (Da sucursal)

Tempo Novo no DCE

Rio Branco, AC — Com quase 50% do total de votos a chapa Tempo Novo foi eleita para o DCE da Universidade Federal do Acre. Num total de 671 votos, Tempo Novo ganhou 320. A maioria dos elementos da chapa atua na Tendência Popular do PMDB e apoiou a chapa Viração para a diretoria da UNE. A grande derrotada foi a Mobilização Estudantil, que recebeu apenas 125 votos, ficando em último lugar. (Do Correspondente)

Mutirão

Goiânia, GO — Os moradores do Jardim Nova Esperança iniciaram a construção de uma escola em mutirão, com o apoio da Associação de

Bairro. Os populares tomaram a iniciativa quando a Prefeitura recusou-se a construir uma escola no local. Aliás, os moradores do Jardim Nova Esperança vêm sofrendo constantes perseguições por parte do Secretário da Segurança Pública, o fascista Herbert Curado. Mas vêm enfrentando inclusive a violência policial com decisão e coragem. (Da sucursal)

Nova diretoria

Jequié, BA — Cerca de 80 trabalhadores compareceram à posse da nova diretoria da Associação dos Operários de Jequié, presidida pelo comerciante José Leal. Estiveram presentes sindicatos da cidade e o CCO. A Associação foi fundada em 1979 e tem encampado as lutas dos trabalhadores da Prefeitura. Segundo Evaldo, membro da diretoria eleita, a Prefeitura de Jequié sistematicamente atrasa os salários, não paga reajuste semestral, etc. Os diversos oradores pronunciaram-se defendendo a união dos trabalhadores contra a opressão.

Mais uma sucursal

Goiânia, GO — No dia 16 de dezembro último os operários e os setores populares e democráticos de Goiás ganharam uma sede onde poderão fazer reuniões e discutir seus problemas. Foi inaugurada a sede da sucursal de Goiânia da **Tribuna Operária**. Cerca de cem pessoas, além de representantes de 18 entidades democráticas compareceram ao evento. O diretor do jornal, Bernardo Jofilly, convidado especial, discursou sobre o objetivo do jornal e sua linha política. (Da sucursal)

Carta aberta

Salvador, BA — Os alunos do Colégio Central da Bahia divulgaram uma Carta Aberta à População denunciando as arbitrariedades da diretoria do estabelecimento. Os secundaristas criticam também o Secretário da Educação, Eraldo Tinoco, que se recusou a atender às suas reivindicações que constavam num abaixo-assinado com 3 mil assinaturas. Os estudantes do Central convocam a população dos setores democráticos a repudiarem a atitude da diretoria do colégio e a estrutura educacional existente. A carta aberta foi assinada por diversas entidades estudantis e democráticas.

Princípios

Aguarda para breve o lançamento de Princípios, uma revista teórica, política e de informação a serviço da propagação do socialismo científico no Brasil

ASSINE A TRIBUNA OPERÁRIA

Um jornal pelos direitos dos trabalhadores, pela liberdade, pela democracia popular e o socialismo.

ASSINATURA ANUAL DE APOIO

Nome:
Endereço:
Bairro: Cidade:
Estado: CEP: Fone:

Estou remetendo um cheque de Cr\$ 750,00 para a Editora Anita Garibaldi Ltda. - Banco Itaú - Agência Jaceguai - conta nº 03154 São Paulo - Capital.

O imperialismo e a revolução

Importante livro de Enver Hoxha sobre a realidade mundial numa visão marxista-leninista. Poderosa arma nas mãos dos trabalhadores, em defesa de seus interesses fundamentais

Pedido de compra

Nome:
Endereço:
Bairro: Estado:
Cidade: CEP: Fone:

Estou enviando o cheque nº no valor de Cr\$ 400,00, em nome da Editora Anita Garibaldi Ltda., rua Beneficência Portuguesa, nº 44, sala 206, SP - CEP 01033

Tribuna Operária

Jornalista responsável: Pedro Oliveira. Conselho de direção: Rogério Lustosa, Bernardo Jofilly, Olívia Rangel, Dilair Aguiar. Redação: Rua Conselheiro Ramalho, 501, Bela Vista - São Paulo, capital - CEP 01325. Tel. 36-7531. Sucursais: Rio de Janeiro: R. Joaquim Silva, 11, s/307 - Lapa - CEP 20241. Minas Gerais: R. Contorno Rodoviário, 345/355 - Cidade Industrial - Contagem - CEP 30.000. Bahia: R. Padre Vieira, 5 - s/307 - Salvador - CEP 40.000. Pernambuco: R. 7 de Setembro, 42, 7º andar, s/707 - Boa Vista - Recife - CEP 50.000. Rio Grande do Sul: R. General Câmara, 52 - s/29, Centro - Porto Alegre - CEP 90.000. Ceará: R. do Rosário, 313 - s/206, Fortaleza - CEP 70.000. Espírito Santo: Av. Jerônimo Monteiro, 352 - s/5 Vitória - CEP 29.000. Alagoas: R. Fernandes dos Barros, 43 - s/05, Maceió, Goiás: Av. Goiás, 606 - 20º andar - s/2.005 - Centro - Goiânia - CEP 74.000. A Tribuna Operária é uma publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda. Impressa na Cia. Editora Jorués, rua Gastão da Cunha, 49, fone: 531-8900 - SP.

Atenção!
Últimos exemplares à venda.
Dê um livro de presente a seu amigo

Convite à libertação



Neste quarto artigo da série sobre a guerrilha do Araguaia, Paulo Fonteles relata o trabalho político que antecedeu o conflito, com base no depoimento de moradores da Faveira e da Gameleira. "eles convidavam o povo para a libertação".

Difundiu-se em certos setores democráticos a idéia de que na preparação da Guerrilha do Araguaia não houve trabalho político junto com o povo e por isso quando foi deflagrada a luta, em 1972, as massas apoiaram "apenas sentimentalmente" os guerrilheiros.

Esta análise parece ser falsa. Na Faveira, principalmente, o trabalho que antecedeu a guerrilha tem uma caracterização política bem definida.

RECLAMAÇÃO PELA TERRA

Lauro Rodrigues dos Santos é morador da Faveira, entre os municípios de Marabá e São João, na desembocadura do Araguaia no Tocantins. Perdeu a mão, devido a uma granada que o Exército deixou na mata. Ele conta: "Quem primeiro chegou na Faveira foi o Seu Mário (Maurício Grabois), juntamente com Dona Maria (Elza Monnerat) e Joca, em 1969. Depois vieram os outros. Eles foram trabalhar na roça, no comércio, na farmácia. Minha mãe ensinou muitos deles a fazer as comidas aqui da região, beiju, tapioca, mandioca. Eu tive uma malária de 20 dias e quem me curou foi a Alice. Se não fosse ela eu tinha morrido!"

Ao lado disso, quando os problemas da terra começaram eles atuaram ao lado da massa. Dona Maria, moradora da Metade, relembra. "Nesse tempo um povo tinha tomado as terras desses pobres aí. Foi o Memescão, que deixou tudo quanto foi pobre fora de casa. Aí eles, o povo da mata, reclamaram muito sobre isso!"

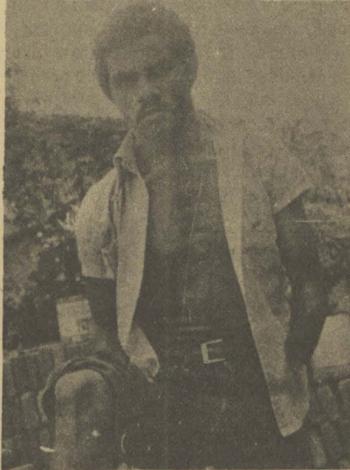
"CONQUISTAVAM PESSOAL"

Com o respeito e a admiração do povo do lugar, os comunistas iniciaram uma explicação política do trabalho que realizavam, embora dentro das regras de segurança que a situação de extrema repressão exigia.

Dona Lindaura Vilarese, mo-

radora de São Domingos das Latas, deu seu depoimento: "Eles davam remédio e conquistavam o pessoal para acompanhar eles. Conquistavam assim, dizendo que o pessoal tinha uma cegueira de falar. Que o presidente, o governador não davam assistência ao pessoal da mata. Então o pessoal adoeceu, morria à mingua e não sabiam que eles existiam, que tinham necessidade... Diziam isso pro povo antes da guerra começar. É por isso que eles já tinham bastante gente com eles por aqui mesmo. O Seu Luizinho, que é cunhado desse Constantino bem aí, foi um dos que morreu na mata, matado pelo Exército".

O mesmo Lauro acrescenta: "Dona Maria gostava de visitar gente de domingo, falava de hospital, escola, do governo que não dava assistência. Falava tudo isso. Eram assuntos que eles tratavam". E Dona Maria, da Metade, arremata. "Eles convidavam o povo para a libertação" embora esclare-



Lauro: mutilado de guerra no Pará

Paulo Fonteles, autor desta série de artigos e advogado dos posseiros de Conceição do Araguaia, estará no Rio de Janeiro dia 19, para participar de um debate sobre a recente viagem da caravana de familiares dos mortos e desaparecidos na Guerrilha. O debate, promovido pelo Comitê Brasileiro de Anistia - RJ, será às 20 horas, no auditório da Associação Brasileira de Imprensa, à rua Araújo Porto Alegre, número 20. Dia 20 Fonteles irá a São Paulo para outro debate sobre o mesmo tema, também às 20 horas, no Sindicato dos Jornalistas, à rua Rego Freitas, 530, sobreloja.

ça que não conseguia entender bem o que seria essa libertação.

NA GAMELEIRA TAMBÉM

A região da Gameleira fica no pé da Serra das Andorinhas, entre as áreas dos Caianos e da Faveira. Foi onde viveram o Osvaldo, Helenira Resende, Lourival, Lia e outros guerrilheiros. O depoimento que melhor ilustra o trabalho na Gameleira foi dado por José Genoino Neto, que, embora não tenha participado da guerrilha propriamente dita, já que foi preso logo na sua deflagração, disse em um longo depoimento para a publicação **História Imediata**, em 1978: "No terreno político vamos elaborar, junto com a população, um programa de reivindicações para a região. (...) era um programa de 27 pontos, que se propagava naturalmente. (...) Começam

nessa época (início de 1972) os grandes conflitos pela posse da terra. (...) Vamos fazer um trabalho mais avançado com a população. A gente vai conversar com todo mundo, a população começa a procurar a gente. E se acerta coletivamente, com todos os moradores da região, que ninguém deve sair de lá".

REFORMA ELEITORAL

Gang de Figueiredo planeja roubo na eleição de 1982

O governo já entrou em 1981 morrendo de medo de 1982. Nesse ano, em 15 de novembro, estão previstas eleições diretas para governadores e vice-governadores de Estado, senadores, deputados federais e estaduais, prefeitos e vereadores. Todos os observadores esperam uma goleada da oposição no partido governista, pois o povo está farto de tanta fome, repressão, corrupção e entreguismo. Figueiredo, Golberi e sua gang estão quebrando a cabeça para descobrir os truques sujos que poderiam garantir a falsificação do resultado eleitoral. Um balão de ensaio neste sentido já foi lançado, pelo deputado Anísio Souza, velho capacho da ditadura.

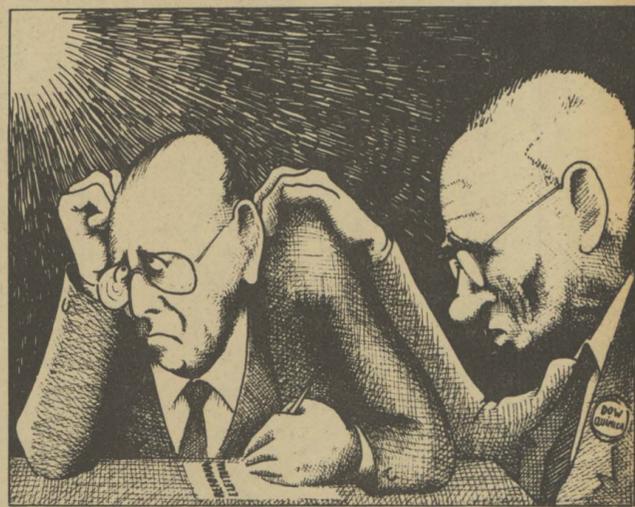
Anísio de Souza é uma dessas figurinhas nojentas que as classes reacionárias usam em política, mas nem elas próprias respeitam. Eleito deputado federal com os votos de cabresto da Arena de Goiás, ele ganhou uma triste fama nacional como autor da emenda que adiou as eleições municipais de 1980, livrando o governo da derrota certa.

Agora, Anísio volta às manchetes como autor de mais um desses trabalhos sujos que o governo apoia por baixo do pano mas não assume publicamente. É a nova emenda Anísio, que ele pretende apresentar até abril deste ano sobre a legislação eleitoral.

QUATRO TRUQUES BAIXOS

A emenda é tão ruim que até o ultra reacionário jornal **O Estado de S. Paulo** taxou-a de "peça que nem no circo seria representada sem apupos gerais", com o objetivo de "mudar as regras do jogo para garantir aos detentores do poder a maioria que não possuem há muito tempo". Em verdadeiro e malcheiroso monte de esterco casuístico, feito sob medida para fraudar o eleitorado. Senão vejamos:

Primeiro truque: a vinculação



dos votos. Anísio quer obrigar cada eleitor a votar em candidatos de apenas um partido. A jogada consiste em usar os candidatos governistas a vereador, que sempre contam com a votação de parentes, vizinhos, amigos, etc., para carrear votos favoráveis ao PDS para governador, senador, deputado.

Segundo truque: o voto distrital. Anísio pretende dividir cada Estado em "distritos eleitorais". Cada "distrito" elege apenas um deputado federal e um estadual. A intenção é favorecer a corrupção eleitoral, pois fica muito mais fácil para os candidatos do governo descarregar todo o seu poder econômico numa área mais limitada.

Terceiro truque: voto só nos candidatos e não nas legendas. Anísio propõe o "voto distrital" para 70% dos deputados. Nos 30% restantes, porém, se um candidato tiver grande votação, os votos que ele receber a mais não ajudarão em nada seus companheiros de legenda. É uma jogada contra as oposições, que contam com líderes de grande peso eleitoral, enquanto o governo não tem ninguém bom de voto.

Quarto truque: maioria distrital para governador e senador. Este é talvez o ponto mais canalha da emenda Anísio. O candidato, mesmo sendo o mais votado, não se elege se não tiver ganho na maioria dos "distritos". Como esses "distritos" seriam definidos de acordo com os interesses do governo, já se sabe qual seria o resultado.

GOVERNO ESTÁ POR TRÁS

Se o governo não se comprometeu abertamente com a emenda Anísio, a verdade é que seu plano é impor ao país uma reforma eleitoral justamente desse tipo.

A emenda Anísio surge então como um balão de ensaio, uma forma de testar a reação dos brasileiros às propostas mais canalhas e desavergonhadas de reforma eleitoral. A gang do Planalto fica por trás dela, observando essas reações, para então lançar a sua proposta ou sair em defesa do seu pau-mandado Anísio de Souza. De uma forma ou de outra, o povo ainda tem muita luta pela frente se quiser votar, ganhar e levar nas eleições de 1982.

(Bernardo Joffily)

LIÇÕES DA LUTA OPERÁRIA

A quem serve esse pacto social?

Nesta virada de ano, fala-se com insistência na necessidade de um pacto social entre trabalhadores e patrões, em nome do combate à recessão. A idéia foi levantada por capitalistas como o sr. Cláudio Bardella, considerada viável por líderes sindicais como Jacó Bittar e agora conta com o aval de figurões do governo como o ministro Delfim Netto. Isso coloca em pauta certas questões importantes, ligadas aos acordos com a burguesia, ao comportamento do movimento operário nas fases de crise da economia capitalista, ao papel dos sindicatos. Questões que merecem a atenção dos operários com consciência de classe.

UM PACTO ANTIOPERÁRIO

Pelo que se comenta na imprensa, o pacto dos srs. Bardella, Delfim & Cia., a pretexto de esconjurar a crise econômica do capitalismo, significa descarregá-la de vez sobre os trabalhadores. Implica o fim dos reajustes automáticos para novas faixas de assalariados, ou, pior ainda, na volta aos reajustes apenas uma vez por ano.

Ora, os objetivos que os operários com consciência de classe se colocam para a luta dos trabalhadores e para eventuais negociações com os patrões não são nem poderiam ser desta ordem. São a conquista do que foi roubado aos brasileiros explorados nos anos de ditadura, em todos os terrenos. E, com especial destaque, devido à crise, a reconquista da estabilidade no emprego, surrupiada pela ditadura já no tempo de Castelo Branco.

Os acordos com a burguesia, em si, não são nem bons nem ruins para os trabalhadores. Depende do acordo e das condições concretas em que é acertado. Qualquer operário que tenha vivido uma greve sabe disto, justificam-se os acordos que trazem benefícios imediatos para os explorados e — o mais impor-

tante — que permitam a eles acumular forças para as batalhas futuras contra o capital. E a proposta de Bardella não faz nem uma coisa nem muito menos a outra.

UNIDADE SE IMPÕE

Porém na luta e na negociação com o capital, o trabalhador precisa ter trunfos. Além de outros fatores, como o regime político, de maior ou menor liberdade para os explorados, influem neste confronto de interesses dois fatores contraditórios: um deles é a concorrência entre os patrões, que pressiona os salários para cima e se manifesta com mais força nas fases de expansão econômica e redução do desemprego. O outro é a concorrência entre os operários, que pressiona os salários para baixo e se acentua nas épocas de crise e desemprego crescente.

Coloca-se então, para o movimento operário, a necessidade de neutralizar este segundo fator, de impedir que os trabalhadores, na busca de um ganha-pão, terminem concorrendo entre si e levando à rebaixa dos salários reais. Esta tendência aumenta mais ainda em época de crise, como a atual. E a forma historicamente provada para contrariá-la é a união dos operários, organizados em suas entidades sindicais de classe.

No sindicato, o que se impõe não é o interesse individual de cada trabalhador, em concorrência com seus companheiros de exploração. É o interesse coletivo do conjunto dos explorados, que se contrapõe ao dos exploradores. Essa comunhão de interesses, quando é forte o bastante, com uma marca de classe definida, consegue muitas vezes, mesmo em tempos de crise, fazer frente à voragem do capital. E consegue também educar os operários na visão de um mundo novo, livre de toda exploração.

ARTIGO DO PRESIDENTE DA UNE

Aldo responde ao general da Educação

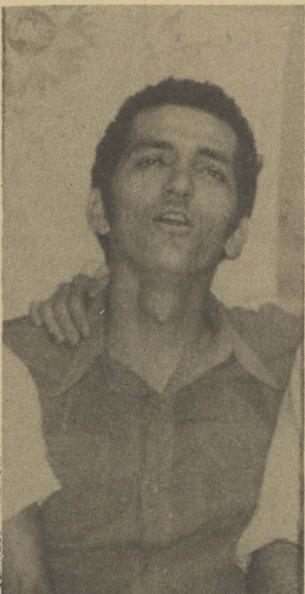
O ministro da Educação, general Rubem Ludwig, veio aos jornais neste início de ano e sacudi a comunidade estudantil, não com propostas de soluções para a educação em crise, mas para atingir com insultos e grosserias a União Nacional dos Estudantes e seu Presidente.

O general se "surpreendeu" porque o julgamento sem atribuições e méritos para ocupar o posto, portanto um estranho no MEC. Porque entendemos sua escolha para substituir o incômodo Portella como uma manobra da gang do Planalto para intimidar estudantes, professores e funcionários e fortalecer o esquema militar com a presença de um general, e um general ligado à comunidade de segurança, no Ministério da Educação e Cultura.

ESCOLA NÃO É QUARTEL

Que surpresa, general Ludwig! Queria, então, V.Excia., que o considerássemos mais habilitado que Paulo Freire, Darcy Ribeiro e tantos outros educadores brasileiros para ocupar o posto máximo da Educação e da Cultura no nosso país? Queria que considerássemos seu "estágio" na Escola de Guerra de Paris, sua passagem no Conselho de Segurança Nacional e outros cargos militares como títulos mais valiosos e currículo mais credenciado que o de cientistas e professores brasileiros de renome internacional, muitos dos quais ainda fora de nossas escolas por perseguições do regime ao qual V.Excia. serve com tanta abnegação? Não e não é a nossa resposta.

Por isto, então, V.Excia. vem a



Aldo: Ludwig é ministro da Ignorância

público dizer que o presidente da UNE não tem "equilíbrio" para o diálogo e é "um jovem em busca da autoafirmação"? Outra característica, General, que o desaconselha para o posto: a falta de seriedade. Ao assumirmos a Presidência da UNE propusemos, porque assim tinha resolvido o Congresso de Piracicaba, levar nossas reivindicações ao MEC. E para isso solicitamos uma audiência a V. Excia, ainda em dezembro, como testemunhou o Senador da República Marcos Freire, de Pernambuco. Se coube a V. Excia. cancelar a audiência, assumamos agora a responsabilidade de levar até o fim o caminho escolhido. Quanto a nós, não nos surpreendeu a reação. Seria de se estranhar quem se acostumou a mandar sem ser ouvido viesse agora a aceitar a convivência democrática do debate.

44 ANOS DE HISTÓRIA

A UNE, general, tem a afirmação de 44 anos de história, que toda a nação reconhece e estima. Tem o equilíbrio de 400 mil estudantes que votaram nas nossas últimas eleições apesar das pressões governamentais, e de quase um milhão que paralisaram as escolas ouvindo nossa voz de greve.

Quanto a V. Excia., mire-se no exemplo de seus antecessores Portella, Rischbieter, Simonsen etc., tão equilibrados quanto imagina ser V. Excia. que anotearam e não amanheceram Ministros. E pense mais: não tarda a hora em que os estudantes e o povo terão um Ministro da Educação e não um da Ignorância. (Aldo Rebelo)



Chico Pinto (à esq) e Colbert Martins falando ao povo de Feira de Santana

Bahia quer para governador Chico Pinto 82!

Colbert Martins, prefeito de Feira de Santana, o tradicional reduto da oposição baiana, concedeu entrevista à **Tribuna Operária** assegurando seu apoio integral ao lançamento do deputado Francisco Pinto para candidato ao governo da Bahia em 1982.

"O PMDB, que cresce por todo o Estado da Bahia — disse Colbert — tem em suas fileiras o mais sério, combativo e consequente oposicionista, o deputado Francisco Pinto, ex-prefeito de Feira de Santana, deposto pelo golpe de 1964".

"Chico Pinto está sendo indicado para que seu nome seja apreciado pela futura convenção do PMDB da Bahia, como candidato ao governo estadual. O lançamento do seu nome ocorrerá em Feira de Santana, no dia 24 de janeiro, quando será realizado mais um Encontro Regional de Oposição".

TRADIÇÃO COMBATIVA

"Desde 1964 Chico Pinto não vacilou nem condicionou a luta contra a ditadura e por melhores condições de vida para o povo. Parlamentar desistindo, sempre coloco o meu mandato a serviço da luta democrática. Assumiu no Congresso a luta

por anistia ampla, geral e irrestrita. Defendeu sem vacilações a implantação do CPI dos Direitos Humanos para apurar os crimes do regime dos militares. Defende a convocação de uma Constituinte livre e soberana. Defende as mais amplas liberdades políticas, a reforma agrária radical, e sempre se destacou como autêntico oposicionista."

TAREFA DE UNIFICAÇÃO

"O nome do deputado Francisco Pinto para governador da Bahia — prossegue Colbert Martins — já empolga os setores oposicionistas da capital e do interior e contará com o apoio de parlamentares. Cabe às oposições na Bahia unificar-se em torno do PMDB, agremiação política de tradição, que na política institucional esteve sempre firme combatendo a política desastrosa, antipopular e antinacional da ditadura.

A candidatura de Francisco Pinto, se oficializada no PMDB, será a única capaz de ter caráter popular, já que o destemido oposicionista se identifica com os trabalhadores pelo seu espírito combativo". (da Sucursal de Salvador)

DESEMPREGO, MEDO E REVOLTA NA INDÚSTRIA (I)

ELEIÇÕES EM SÃO CAETANO - SP

Pelego apanhado em flagrante delito

Os metalúrgicos de São Caetano, no ABC paulista, estão novamente em luta contra a fraude eleitoral no seu Sindicato. Desta vez, o pelego João Lins recorreu a duas manobras: primeiro, convocou as eleições escondido da categoria. E depois, resolveu também "votar" pelos associados, para alcançar o quórum exigido pela lei 3.347.

CONVOCAÇÃO EM SEGREDO

A lei diz que o edital de convocação de eleições tem que ser afixado no quadro de editais do sindicato e publicado num jornal da região. Mas João e seus comparsas fizeram tudo em segredo. Até membros da própria diretoria desconheciam a convocação até o encerramento do prazo para a inscrição de chapas.

Os setores que fazem oposição a Lins organizaram então uma campanha pela abstenção, ao mesmo tempo em que apelavam para a vigilância operária para evitar novas fraudes. Mas pelegos do tipo do de São Caetano não tomam jeito; na

hora da votação, a roubalheira continuou, ainda mais descarada.

200 VOTOS VIRAM 2 MIL

Na General Motors, a maior empresa de São Caetano, por exemplo, a abstenção foi um sucesso. Operários que trabalham lá e vigiam de perto a participação garantiram a **Tribuna** que o número de votantes nem chegou a 200. Mas João Lins operou o "milagre da multiplicação dos votos": na hora de abrir as urnas, havia mais de 2 mil! Na Brasinca, pouco mais de 30 votos viravam 400.

Com este truque o pelego conseguiu "votos" bastantes para se "reeleger". Na hora da aprovação, porém, a classe não dormiu no ponto. Ficou no sindicato, vigiando tudo. Quando se percebeu a fraude, vários operários, acompanhados de advogados, pediram a impugnação dos resultados, estragando o plano de Lins, que era de queimar logo as cédulas e o livro de assinaturas dos votantes. Agora a categoria está exigindo outra eleição, limpa e com participação de outra chapa.

CONGRESSO NACIONAL DE PROFESSORES

Entidade unitária é entidade mais forte

O Congresso da Confederação dos Professores do Brasil (CPB, entidade nacional dos docentes do ensino oficial de 1º e 2º graus), que se realiza em Fortaleza, de 24 a 30 de janeiro, pode ser um passo adiante no fortalecimento da entidade e nas lutas dos professores.

A democratização da CPB será a grande questão em foco. O estatuto atual da entidade é extremamente antidemocrático, pois, por exemplo, as eleições para a diretoria não comportam consultas às bases nem a participação ampla das associações estaduais. Já há propostas de substitutivos, como o elaborado pela associação de docentes do Paraná.

A democratização dará maior poder para a entidade unificar os professores a nível nacional, inclu-

sive com a filiação de várias associações estaduais que ainda se recusam a pertencer à CPB. Sem uma entidade única para os professores de 1º e 2º graus da rede oficial, será mais duro travar as grandes batalhas, como a de 12% do orçamento federal e 25% do estadual para a educação. O mesmo ocorre com as bandeiras já levantadas pela CPB, como a luta pelo fim da ditadura militar e pela Assembléia Constituinte.

Com a fundação já programada da entidade nacional dos professores universitários, o rejuvenescimento da CPB e a reestruturação da entidade dos professores da rede particular, a ideia de uma união de todos os profissionais em educação do país não será mais um sonho.



TRABALHADORES EM MARCHA

Categoria avança

Engenheiros — Com sua Carta de Gramado, 16 sindicatos de engenheiros, geólogos e agrônomos de todo o Brasil deram uma lição de consequência de fazer inveja a muita categoria de maior tradição. Denunciaram desde o desemprego até o Acordo Nuclear. E ainda levantaram-se pela Constituinte, "livre, soberana e democrática". Ao lado da vitória da oposição no Sindicato de Minas Gerais, no último dia 8, a Carta foi um sinal de nova vitalidade na categoria.

CCC contra sindicato

Bancários, DF — O sindicato dos bancários de Brasília, cuja atual diretoria recentemente derrubou um antigo pelego, está sendo ameaçada pelo Comando de Caça aos Comunistas. Em carta o CCC diz que "uma bomba poderá explodir" em Adelino Cassis, um dos líderes do sindicato e seu presidente em duas gestões antes de 1964. (Da Sucursal).

Dia 15 tem votação

Imperatriz, MA — Nas eleições do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Imperatriz, dia 15 de fevereiro, vão concorrer duas chapas. A chapa 2 lançou um bom programa, onde propõe o fortalecimento do sindicato. A cabeça da chapa, João Batista, que é delegado sindical de São Pedro de Água Branca, está mobilizando os companheiros. (Da Sucursal).

Unidade roça-cidade

Lavradores, GO — Osmano André Monteiro é o novo presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Goiás-Velho. No dia 7 sua chapa venceu a dos imobilistas por uma diferença de 204 votos. A nova diretoria se compromete, entre outras coisas, a lutar pela unificação dos trabalhadores da roça com os operários. (Da Sucursal).

Luta deve esquentar

Brasília, AC — A luta dos castanheiros e seringueiros pelo "empate" (suspensão da derrubada das matas pelos grandes fazendeiros) promete esquentar este ano e a ofensiva da "justiça" e da polícia contra os trabalhadores já começou. Um pacote da **Tribuna**, que estava no sindicato de Brasília, foi apreendido. Continua preso José Nogueira, um dos 13 lavradores acusados de ter vingado a morte do líder sindical Wilson Ribeiro, matando um dos fazendeiros assassinos. E, em Xanuxi, o vereador Chico Mendes (PT) está sendo enquadrado na Lei de Segurança Nacional, junto com o presidente do sindicato, Luis Damiano, acusados de "incitamento à violência". (Da Sucursal).

Light em campanha

Eletricitários, SP — Cerca de 500 eletricitários compareceram, dia 5, à segunda assembleia da campanha salarial. A diretoria do Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias de Energia Elétrica continua colocando obstáculos à união e luta da categoria e por isso impediu a formação de uma comissão de mobilização. A próxima assembleia é dia 16.

Fazenda Urna

Alagamar, PB — Os conflitos de terra em Alagamar continuam. Agora 25 famílias da Fazenda Urna, que lá moram há mais de 30 anos, estão sendo ameaçadas de expulsão por Enildo Rodrigues Jordão, latifundiário que se diz dono da área. Como a terra é boa para a plantação da cana-de-açúcar o rico quer para obter os "incentivos" do Pró-álcool. Uma prova de como o regime defende estes ladrões de terra é que o governador do Estado, O. S. Buarque, nem recebeu uma comissão de entidades democráticas que foi exigir medidas contra o crime. Sua alegação: o advogado sindical Wanderlei Caixe é "terrorista". (Da Sucursal).

Operário não é animal!

Na porta da fábrica-monstro da Volkswagen em São Bernardo (37 mil trabalhadores) o medo e a revolta se misturaram. "Eu trabalhava na estamparia — conta um — Sofri um acidente na mão — olha esta cicatriz aqui, foi uma folha de aço que cortou. Quando voltei do seguro fui despedido logo no primeiro dia. É normal eles mandarem embora os operários que perdem a saúde, e os que sofrem acidentes, por culpa deles mesmo".

Outro, funileiro, ainda empregado, diz o que acontece no seu setor: "Hoje foram demitidos seis. Todos lá estão nervosos. Um desses demitidos tinha 60 anos de idade, 21 anos de casa, faltando só dois para aposentar. O que esse homem vai fazer agora?" Um demitido conta: "Lá no abastecimento já foram 200 cortados, inclusive os que casaram no fim do ano, que estão cheios de dívidas".

SO LUCRO CONTA

É assim que a Volks faz os cortes na mão-de-obra. Ela não entende de casamentos, dívidas, aposentadorias. Entende de lucro. Manda embora os doentes e acidentados, os ativistas sindicais, os que estão em experiência e não têm direito a indenização. Pouco lhe importa se esta gente ainda ontem derramava seu suor, às vezes seu sangue, para cevar a *Volkswagenwerk AG*, a grande multinacional alemã formada no tempo de Hitler, com dinheiro do partido nazista.

ESCRAVOS MODERNOS

"Dizem que não existe mais escravidão — desabafa Seu Manoel, velho metalúrgico soldador — Mas eu, com todos estes anos de trabalho, confirmo: hoje nós temos é a escravidão moderna, que é muito pior. Somos tratados como máquinas". Ele trabalha na Volks de Taubaté, a mais de 100 quilômetros de São Bernardo, onde numa semana foram para a rua 1.051 operários, segundo a firma, cerca de 2 mil, de acordo com o Sindicato. Lá o drama maior é o dos trabalhadores que vieram de fora. "Deixei minha mulher em Caraguatubá — conta um — e vim pra cá. Já tinha alugado uma casa para trazê-la. Também tinha feito umas dívidas. Mas eles nem quiseram saber. Para eles a gente é bicho".

OPERÁRIOS DE RESERVA

Na segunda-feira dia 5, de manhãzinha, como todos os dias, uma fila de umas 500 pessoas esperava no portão da Volks de São Bernardo, para ver se conseguia emprego. Ninguém sabia que naquele mesmo instante, do outro lado do muro, começava a demissão em massa. Todos se apertaram como gado humano num pequeno pátio, onde um funcionário da firma fez a "seleção". Primeiro foram mandados embora os "carteira branca" (que nunca tiveram carteira de trabalho assinada). Depois, aos poucos, os outros.

Mas o funcionário lembrou a todos que era para voltar nos próximos dias. Sim senhores! A *Volkswagenwerk AG* fica muito satisfeita em ter 500 desempregados todo dia na sua porta. É muito bom para ela operar num país com tantos desempregados. A pressão desse exército de trabalhadores de reserva empurra os salários para bai-

A Volkswagen demitiu 3.740 operários na primeira semana do ano. Nossa reportagem foi lá, ver de perto a aflição e a indignação dos demitidos e dos empregados.



L. C. Leite

xo e os lucros para cima. É ótimo!

EXPLODE, CORAÇÃO!

Mas na fila dos desempregados um motorista, parado desde abril, adverte: "Eu faço tudo que é bico pra sustentar a mulher e os filhos. Mas quando não der mesmo, parto pras cabeças. Ai, explode coração: quem tiver dinheiro vai dividir comigo!".

Para um operário do setor 1.123 da fábrica de São Bernardo, "a nossa saída é pegar em armas". Em Taubaté, um demitido se enfurece: "Tem que tacar fogo nesta fábrica, pôr estes nazistas pra correr". E outro: "Que nada, rapaz, esse monstro é nosso. Temos é que pegar a fábrica pra gente".

NÃO VÃO NEM AO BANHEIRO

Junto com o ódio de classe, há também o medo. "O chefe de família — diz um soldador — é quem fica mais preocupado. Olha, escreve aí como ele se comporta lá dentro: se tem que ir ao banheiro, não vai, espera a hora do almoço; se quer beber água, também não vai".

"O ambiente está carregado", depõe um operário da usinagem. "Tá ruço! o trampo tá ruço!" — exclama um desempregado. E quase todos têm sempre algo a dizer contra o governo. "Não se pode condenar ninguém, só o Seu João Figueiredo!"; "Um presidente amolecido que nem esse... Em véspera de ano, pediu pros chefes de família pra apertar o cinto. Falou isso porque não é a barriga dele!".

(colaboraram Altamiro Borges, E. Ribeiro, Bernardo Joffily)

DESEMPREGO NA INDÚSTRIA (II)

Governo enrola quando diz que não há crise

Para Murilo Macedo, ministro do Trabalho do General Figueiredo, os brasileiros não precisam esquentar a cabeça com a ameaça do desemprego. "A demissão de três mil empregados da Volkswagen — declarou ele — é um problema localizado".

Não é um problema nacional nem regional e não tende a atingir as demais empresas automobilísticas".

O ministro, porém, tem crédito zero junto aos metalúrgicos, principalmente depois da última greve e da intervenção nos sindicatos de Santo André e São Bernardo. Um operário da usinagem da Volks entrevistado pela **Tribuna**, foi categórico: "O Murilo não devia ter nascido. Não sei como uma mãe

espera nove meses e quando nasce vem uma coisa dessas". E não são só os operários. Joelmir Beting, comentarista econômico, ironizou assim a tese do ministro: "A Volkswagen vive uma crise particular no miolo da indústria automobilística, que experimenta uma crise também particular no interior da economia brasileira, que atravessa uma crise igualmente particular na periferia da crise mundial...".

O fato é que cada emprego numa montadora de automóveis, como a Volks, sustenta outros cinco nas empresas de autopeças. Ou seja: somente as 3.740 demissões na Volks tende a provocar outras 18.870.

O QUE O MINISTRO NÃO VÊ

Mas tem mais: na indústria da construção civil, o nível de emprego caiu 31,3% nos últimos três anos; na Companhia Municipal de Transportes Coletivos de São Paulo, houve mais de mil demissões somente de outubro para cá, segundo denúncia do presidente do Sindicato dos Motoristas, Ivan Gutierrez; em Lorena, SP, a multinacional Liebherr, também alemã, demitiu um operário em cada quatro; no Rio de Janeiro, o estaleiro Ishika-



Ao lado, a saída do turno da tarde da Volks; acima, a fila dos desempregados na porta da fábrica

DESEMPREGO NA INDÚSTRIA (III)

DESEMPREGO NA INDÚSTRIA (III)

Estabilidade, e que os ricos paguem a crise!

Uma das coisas que o corte na mão-de-obra da Volks deixou claro é a falta que faz o sindicato. O de São Bernardo está desde abril do ano passado na mão de um interventor. "A diretoria que está lá não é nossa", diz um metalúrgico no ônibus da firma. "O Sindicato não existe mais, quem está lá é o governo", comenta outro.

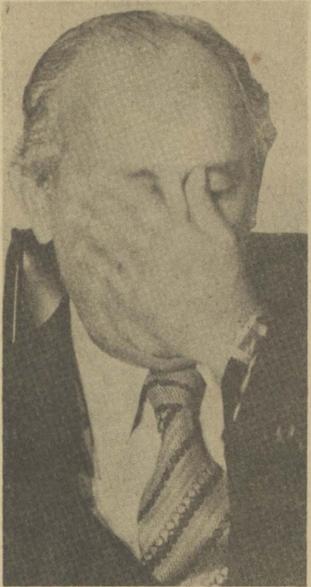
Isto, mais o medo de perder o emprego, dificulta a mobilização. Mas a revolta na categoria é grande, e a opinião geral é de que a luta pela estabilidade no emprego vai ter que figurar com destaque na campanha salarial que começará a esquentar nas próximas semanas.

UNIÃO INTERSINDICAL

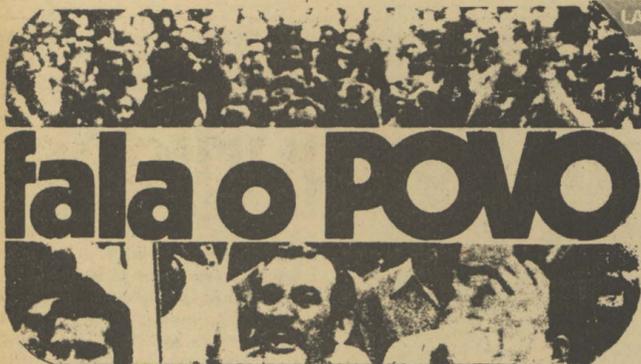
Ao mesmo tempo, houve uma reação imediata nos meios sindicais, desmentindo na prática a visão de que o problema é só da Volks.

Dois dias depois dos jornais noticiarem as demissões, 16 sindicatos já se reuniam, em Taubaté, convocados pelos metalúrgicos da cidade. Nova reunião, de maior peso, convocada pela **Unidade Sindical**, terá lugar dia 15. Um debate, assumido por vários sindicatos, foi marcado para o mesmo dia na sede dos Motoristas de São Paulo.

O panfleto de convocação do debate termina com um apelo: "Trabalhador! Trabalhadora! Contra a crise e o desemprego, não temos nada a esperar dos capitalistas nem do governo que aí está. Só podemos confiar na nossa união, na nossa organização e consciência. Com estas armas, reconquistaremos a estabilidade e avançaremos para dar uma resposta realmente popular para a situação calamitosa em que vive o nosso país: os ricos que paguem a crise!".



Murilo: pior cego é o que não quer ver



fala o POVO

Estamos nos aproximando do 8 de março, Dia Internacional da Mulher. Por isso, voltamos a conchamar as operárias, camponesas, donas de casa, estudantes, para que escrevam para nossa seção. O 3º Congresso da Mulher Paulista está sendo preparado. Seria importante que as participantes escrevam, contando o que ocorre. Falem da exploração, da discriminação da mulher em todos os campos. Ajudem nosso jornal a chegar às mulheres, um dos setores mais oprimidos da população. (Olívia Rangel)



SECURITÁRIOS-RJ

Falta de segurança

No ano de 1980 voltou a imperar entre todos os companheiros securitários a intranquilidade e a insegurança. Os patrões criaram um clima de terror e medo entre todos os companheiros com as demissões em massa ocorridas em 1980 e em 1979. E pelo que parece novas demissões ocorrerão neste início de ano.

Nosso sindicato, com uma diretoria pelega e cheia de puxa-sacos vem se mantendo nos cargos graças à indiferença, ao descaço e às inúmeras injúrias cometidas em relação aos trabalhadores.

Os pelegos estão no sindicato há mais de 10 anos. Ganham esse ano as

eleições porque nós, trabalhadores que nos opomos aos traidores da classe operária, não conseguimos nos organizar e formar uma chapa de oposição. Mas na próxima eleição tiraremos esses pelegos corruptos do nosso sindicato.

Queremos aproveitar para citar os nomes dos traidores que estão acobertados por uma estrutura sindical fascista e pela ditadura militar. São eles: Júlio Meandro de Carvalho e Álvaro. Mas nós, trabalhadores securitários, prometemos na próxima eleição desbancar os fascistas corruptos.

(Trabalhadores securitários amigos da TO - Rio de Janeiro, RJ)

TRABALHADOR DA CAPEMI-BA

Chefia é só para dedo-duro

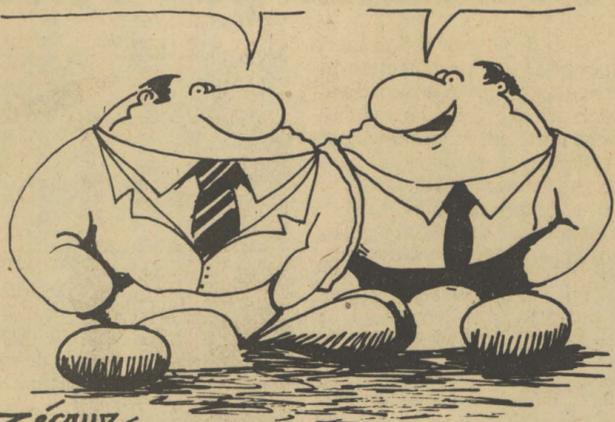
Na Capemi para ser admitido, é necessário concurso público. Mas para continuar trabalhando é preciso ser submisso ao máximo, não se pode questionar nada, tudo que for dito pelos "chefes" deve ser assumido como verdade. Se não, se cai fora. A repressão é demais, tudo que se faz os chefes terminam sabendo e o incentivo ao dedo-durismo e puxa-saquismo é muito grande, pois para se chegar à chefia não é preciso qualidades.

Nós, por não concordarmos com tanta hipocrisia, testamos o humanismo dos diretores com um abaixo-assinado onde 90% dos empregados reivindicavam uma alimentação digna. Isso foi bastante para ferir a "sensibilidade" dos diretores e achar que isso é subversão e me pôr para fora, para a "família" Capemi continuar no pacifismo e na submissão de antes.

Alguns colegas mais velhos acham que estar trabalhando ainda com o desemprego é um milagre, pois isso é o que dizem todos os diretores e chefes quase todos militares que pensam estar nos quartéis dando ordens a soldados. Não existe o menor respeito com o baixo escalão de empregados. O salário lá é nivelado, não importa o cargo, menos para os chefes.

Aproveito para perguntar o que a Capemi faz com tanto dinheiro,

PRA SER CHEFE O QUE É PRECISO? BASTA SER FASCISTA.



com o seu aglomerado de empresas que é isenta do imposto de renda e paga tão mal seus empregados. Lá tem uma tal de exclusão de sócios por falta de idade. O negócio é o seguinte: a Capemi pega um sócio sem ler nem escrever, associa mesmo com idade superior ao limite e depois do cara pagar mais de 10 anos ela exclui. Eu pergunto: um cara que bota o dedão sabe o que assinou? O cara perde tudo o que

OPERÁRIOS DA GASBRÁS-SP

Vida de escravo

Trabalho na firma "Super Gás Brás" de Petrópolis e quero denunciar algumas safadezas que são cometidas ali dentro. Trabalhamos durante todos os dias subindo morros e escadas. Quando chegamos ao fiscal da nossa rota somos obrigados a descarregar carreta até de madrugada, sendo que o braçal vai prá rua no lugar do ajudante.

Isso eles não pedem, eles exigem que os funcionários ajudantes peguem nas carretas, sendo que o ajudante ganha apenas 2 horas extras e o braçal tem hora extra corrida. O sr. Batista é analfabeto e é o safado maior lá de dentro, nos trata como escravos.

(Um funcionário da Super Gás Brás de Petrópolis, RJ)

OPERÁRIO DA EMAG-RJ

Vítima é a culpada

Foi no dia 12 de dezembro que aconteceu mais um acidente grave na Emaq, acarretando três dias após a morte do operário Neuman.

O fato aconteceu por falta de uma fiscalização de segurança adequada a um estaleiro de grande porte como é o caso da Emaq.

O operário Neuman estava para iniciar sua jornada de trabalho na parte da tarde quando foi ao seu malão de ferramentas para retirar o material de trabalho. Ali foi surpreendido pelo guindaste que o esmagou contra o malão e uma viga, acarretando assim uma fratura na bacia e o deslocamento de grande parte de seus órgãos internos.

Como sempre o acidente foi comentado pela chefia e chegaram à conclusão de que o único culpado era o operário. Isso não é verdade, pois os malões estavam localizados erradamente entre os trilhos do guindaste e o guindaste estava sem o alarme de segurança.

Esta é uma das falhas visíveis aos olhos dos operários. Outro problema que teve de ser visto também é a péssima qualidade da comida. Enquanto a chefia reacionária como camarão no espeto para não trabalhar e só explorar, os peões comem lavagem para serem explorados.

(Um operário de Emaq - Rio de Janeiro, RJ)

TÊXTEIS DE RIO LARGO-AL

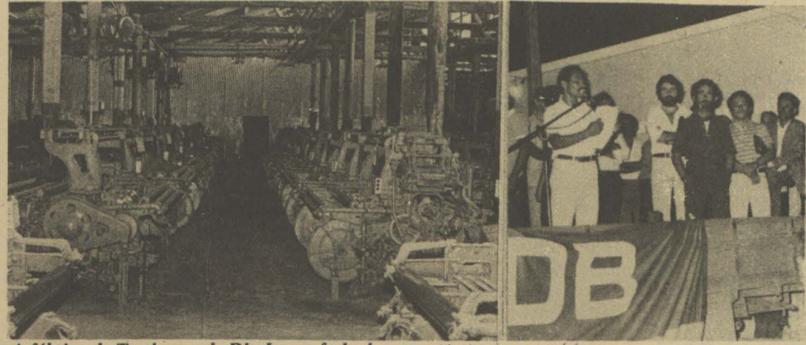
Patrão ludibria operários

A fábrica de Fiação e Tecidos de Rio Largo, que há 93 anos opera nesta cidade, fechou suas portas há 45 dias. Alegando falta de financiamento por parte do governo o clã dos Paiva optou pelo fechamento da fábrica.

Este fato causou danos terríveis aos operários da cidade, trabalhadores da fábrica. Se antes eles tinham que pescar e caçar para sobreviver, com a ajuda das mulheres que lavavam roupas, agora, desempregados, vêm cada vez mais próxima de si a ameaça de fome e da miséria.

A empresa, com a desculpa de que falta recursos, tem ludibriado os operários, pagando-lhes quantias insignificantes, muito abaixo do que deveria ser pago, e dando-lhes casas caindo aos pedaços como parte das negociações do "acordo", o qual só serve aos patrões.

O sindicato, nas mãos do pelego José Vicente, fechou suas portas



A fábrica de Tecelagem de Rio Largo fechada e o protesto dos operários

aos trabalhadores. O pelego vem contando nos seus atos com o apoio do delegado regional do Trabalho, José de Barros Sarmento.

Diante disso, uma comissão formada por autênticas lideranças sindicais e operárias tomou a frente da luta. A comissão dirigiu-se ao Movimento Trabalhista do PMDB e à Sociedade Alagoana de Defesa dos Direitos Humanos, obtendo total apoio e solidariedade para a luta.

Uma reunião transformada em assembléia permanente da categoria decidiu pela abertura do sindicato em caráter também permanente.

Porém, o pelego José Vicente, em conchavo com o delegado Sarmento, permitiu a abertura do sindicato somente de dia, horário em que os trabalhadores estão tentando arranjar algum sustento.

Um dos componentes da comissão pronunciou-se no lançamento do PMDB aqui, no dia 13 de dezembro, conclamando a classe a se unir, "pois só assim poderemos enfrentar as manobras do capital e do governo, o grande culpado pelos acontecimentos". (P.B. e G.C., do grupo de apoio à TO em Rio Largo).

OPERÁRIA DA MALHAS MODELO-RJ

Modelo, só de exploração

Trabalhei durante quase 12 anos na Malhas Modelo de Petrópolis. Fui explorada durante todos esses anos em que lá trabalhei, sendo obrigada a trabalhar de segunda a sábado, mesmo doente, fazendo 74 horas por semana para não perder o domingo. Mas nunca recebi o domingo, nem eu e nenhum funcionário lá de dentro.

O tempo todo que trabalhei lá nunca pude retirar o meu PIS e agora que saí de lá não pude pegar nem 10 centavos dos anos todos que trabalhei e tenho direito por lei, porque eles nunca depositaram.

Se a gente pede para eles, eles enrolam sempre dizendo que está no Maranhão e acaba não dando.

Se formos ao médico e chegarmos 1 hora depois do horário,

mesmo com receita e atestado médico perdemos o domingo também. Trabalhamos de 7 às 19 hs e no sábado de 7hs ao meio dia para recebermos apenas 55 horas, quando recebemos. Temos dois cartões de ponto, sendo um para controlar o nosso horário e somos nós que batemos. O outro é apenas para a fiscalização e lá encontramos o horário determinado pela lei. Esse cartão é controlado pelos patrões, são eles que batem o ponto, a gente não vê nem o cheiro.

Os fiscais que vão fazer a fiscalização são todos comprados e subornados para encobrir a exploração ali dentro. E quando a gente fala alguma coisa, eles dizem que a lei brasileira é comprada e os patrões têm dinheiro. Dentro da concepção deles quem faz a lei são eles.

Os menores que trabalham lá dentro há mais de dois anos nunca tiveram carteira assinada e não têm direito a médico nem a nada. Quando são mandados embora, não têm direito a nada.

Somos tratadas com baixos salários. E quando entramos no escritório para reclamar alguma coisa, somos colocadas pra fora a pontapés. Quando pedimos a conta somos pressionadas e temos que pedir o aviso prévio pelo sindicato. Eles prendem nossos documentos dois ou três meses. Temos medo até de pedir a conta, porque a humilhação que sofremos é demais. A pior palavra para eles é sindicato, eles não aceitam ninguém sindicalizado.

(Uma operária da Malhas Modelo Petrópolis, RJ)

TÊXTEIS-RJ

Unir toda categoria

Conversando com um grupo de operários na porta da Fábrica de Tecidos Nova América, um deles dizia: "Nosso sindicato é muito fraco, os companheiros não se sindicalizam, a não ser uma pequena minoria. Se toda a categoria se unisse e junto a nós, todos os trabalhadores do Brasil, criáramos uma central sindical e seríamos muito mais fortes".

Outro operário, que escutava a conversa, retrucou: "ai é que está o problema. As leis que existem no país são feitas pelos militares e patrões justamente para impedir que nós nos organizemos, pois sabem que assim seríamos uma classe muito forte e unida. O que precisamos fazer é lutar para que o operário, o camponês e o povo participem da feitura de novas leis, onde o direito do trabalhador tenha vez".

São os trabalhadores hoje os mais interessados em participar da luta por uma nova Constituição para o país, pois essa que aí está só interessa aos militares e aos patrões. É usada para impedir o operário de se manifestar. Chegou a hora da união e luta pela liberdade!

(Vendedores da TO na Fábrica de Tecidos Nova América Rio de Janeiro, RJ)

ATUAÇÃO DO PREFEITO-PE

Prefeito é um ditador

O município de Serrita, interior de Pernambuco, está entregue aos caprichos pessoais de uma só pessoa: o prefeito José Humberto Camejo Sampaio. Vejamos:

A Câmara Municipal não funciona: quando há reuniões, o prefeito manda buscar os vereadores para a sua casa, em seu carro, e para assinar papéis previamente preparados por ele. José Humberto é um verdadeiro ditador, pois exerce as funções de padre, juiz, promotor, comissário de polícia, etc. E só anda acompanhado de pistolários.

Somando todos estes poderes, não poderia ser outro o tratamento dispensado às professoras: não existem grupos escolares nos distritos: as professoras ensinam em suas próprias residências, ganhando apenas 320 cruzeiros por mês. Ainda assim, o salário só chega com atraso. Se acontece de alguém reclamar, o todo-poderoso ameaça com demissão, pois exige fidelidade política.

(Um amigo da Tribuna - Serrita, PE)

SOCIEDADE AMIGOS DE BAIRRO-SP

Não para promover o prefeito

A diretoria reacionária de Presidente Prudente montou uma Sociedade de Amigos no conjunto Habitacional Bartolomeu Bueno de Miranda.

Esta Sociedade nada mais visa que promover o prefeito Paulo Constantino e alguns diretores da mesma. Esses mesmos diretores andam dizendo que sairão como candidatos a vereador nas próximas eleições. O prefeito e esses vereadores se esquecem da real função de uma sociedade, que é a de lutar pelos interesses do povo do conjunto habitacional.

De início, marcaram uma reunião logo após uma missa para discutir a possibilidade de criar uma sociedade de amigos de bairro. Em dado momento, apareceu um vereador do esquema do prefeito com uma lista de nomes e pediu aos presentes (uma minoria) para

baterem palmas logo após a leitura dos nomes. Isso acontecendo, estava eleita a diretoria. Nem sequer se falou em estatutos, etc.

O fato é lamentável, porque nunca se viu eleger uma diretoria sem convidar o povo para discutir e convocar uma assembléia geral na qual os diretores seriam eleitos.

A primeira atividade da "sociedade" foi promover o nome do prefeito Paulo Constantino através de um abaixo assinado e uma manifestação pedindo ao chefe do executivo para não cobrar o asfalto do conjunto habitacional. Essa manifestação e este abaixo-assinado foram frutos de um acordo entre o prefeito e a famigerada sociedade de amigos.

Mas acontece que o asfalto tinha sido doado pela prefeitura quando da

pagou conforme artigo interno no contrato. Quero agradecer a todos os colegas que me apoiaram e repudiaram todos os dedos-duros. Espero que as pessoas que têm dignidade continuem reivindicando o direito mais elementar ao homem que é a liberdade de expressão e de organização, lutem por um salário digno. Abaixo a tirania!

(J.B.S. - ex-empregado da Capemi Salvador, BA)

inauguração do conjunto habitacional e os próprios vereadores testemunham esta doação. A sociedade não se preocupa com problemas que afetam realmente os moradores, como as erosões, falta de cobertura nos pontos de ônibus, conservação do asfalto, etc. A sociedade não se preocupa com a avenida principal, que já fez uma vítima devido à má sinalização e abuso dos motoristas irresponsáveis.

E assim os pelegos estão infestando nosso conjunto habitacional de idéias fascistas que prejudicam os moradores. Aqui no conjunto um grupo de oposição com idéias democráticas está lutando contra os pelegos, que logo perderão o lugar para o povo que luta por uma sociedade mais justa e humana.

(A.A. - Presidente Prudente, SP)



MOVIMENTO DE FAVELAS-SP

Devagar se vai ao longe afirmam os favelados

Nosso movimento começou no fim de 1979, quando apareceu em nossos barracos um convitinho dizendo: "Venha participar de um encontro para discutir os problemas de luz, água, creche e desapropriação".

A gente calculava que viriam no máximo umas 50 pessoas ao encontro. Nosso espanto foi grande quando vimos que vieram quase 500 pessoas ao encontro, não cabendo todas no local. Tivemos que transformar a reunião em assembléia. Dessa assembléia começamos a organizar comícios na favela.

Houve uma falha na 1ª reunião: o povo pensou que já ia ligar a água e a luz no outro dia. Quando viram que a luta é demorada, muitos desistiram de lutar. Mas muitos outros continuaram se reunindo com a ajuda do padre Natal, do Dirceu e das Irmãs. Daí surgiu a idéia de formar a associação dos favelados do Jabaquara e começamos a trabalhar para unir e organizar o povo da favela. Surgiu também a idéia de fazer um salão na própria favela. O sr. Alcides assinou, com a ajuda do Acácio, do Geraldo, do sr. Francisco e outros favelados. Enquanto

lamos construindo o salão, a gente

foi organizando as comissões na favela, porque ela é muito grande.

Fomos lutando e organizando o povo na luta pelas conquistas mais imediatas, que eram água e luz.

No dia 2 de junho de 1980 conquistamos água e luz para algumas partes da favela. E no dia 20 de dezembro foi inaugurado o salão S. Benedito, levantado através de mutirão. E já existe a Associação dos Favelados do Jabaquara, com sede na Cidade Leonor.

De vez em quando o favelado ainda acorda assustado com medo de ser despejado por grileiros e falsos donos do terreno, especuladores imobiliários. Quando isso acontece, vão logo chamar a diretoria da associação, que junta os favelados do local e de outras favelas, padres, advogados e políticos. A gente organiza os piquetes para segurar a polícia e os grileiros.

A nossa vida é assim. Cheia de tristeza e alegria. Tristeza de ver que alguns companheiros ainda não dão importância à união e à luta da associação. E alegria pelas vitórias conquistadas, como a água e luz.

(Claudionor, favelado São Paulo, SP)



Prédio da delegacia depois da invasão: todos os arquivos queimados

Tribuna Operária



Diário de Notícias/Rib Preto

Viatura incendiada pela população enfurecida

ACIDENTE DE TRABALHO - RS

Mina de carvão é sepultura para vivos

"O fogo não podia ser evitado, as mortes sim. Se a COPELMI fornecesse máscaras contra gás, ninguém teria morrido". Esta é a voz corrente em Charqueadas. A morte levou Silvino, Marino, Althair, João Plínio e Valdoir. Todos mineiros do carvão há vários anos.

No dia 12 de dezembro, no início do turno da manhã, a correia de um motor patinou e a máquina pegou fogo. Os que estavam mais ao fundo morreram asfixiados. Dirigentes sindicais e os operários sobreviventes não tinham dúvidas: os mineiros teriam escapado vivos se utilizassem máscaras. Pelas declarações de Aldo dos Santos, presidente do Sindicato dos mineiros de Charqueadas, e também segundo os operários e os membros das famílias das vítimas, a COPELMI tem uma triste tradição em acidentes. Estes acontecem com frequência e gravidade, chegando ao ponto de acontecerem 7 mortes no interior da mina, em dois meses.

O mineiro trabalha sem nenhuma proteção. Só leva para baixo o calção, o capacete de fibra de vidro e as botas de borracha.

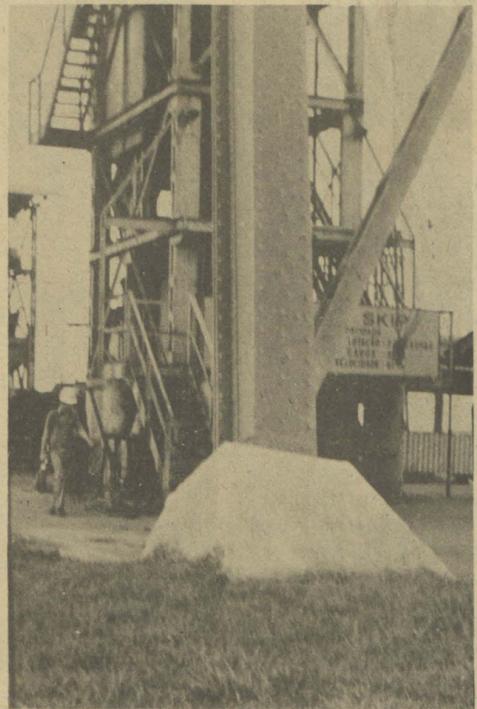
Em outubro, 15 dias antes de 2 acidentes fatais, a COPELMI fez uma exposição de sofisticados equipamentos de segurança do trabalho que, segundo os mineiros e as próprias evidências, nunca foram usados. O total descaso pela vida dos mineiros é comentado por Adão Ely, um sobrevivente da recente tragédia. "Lá embaixo a gente é mandado. As vezes a gente vê que

é perigoso entrar num local e vem o chefe e manda, a gente é obrigado a ir."

As pessoas que vão trabalhar nas minas geralmente não têm profissão, nem condição de ter uma. Se soubessem fazer outra coisa seguramente não trabalhariam lá. Essa condição do mineiro faz com que as empresas os explorem. Qualquer reivindicação acarreta a dispensa do trabalhador.

No dia do acidente, os mineiros, como é tradição nesses casos, não desceram às galerias. No entanto o protesto não passou disto. Dona Leci, esposa do Marino, responsabiliza também o governo: "Era para o governo fiscalizar essas empresas que não se importam com a vida do operários".

(Da Sucursal)



Nas minas de carvão a vida é um buraco

População expulsada a polícia

"Se a polícia aparecer por aqui, morre" diziam os moradores da cidade paulista de Santa Cruz das Palmeiras, depois da debandada geral de todos os policiais e autoridades daquela cidade.

Os 18 mil habitantes de Santa Cruz das Palmeiras levavam sua vida pacata até a primeira semana do ano. Dia 8 um casal de namorados foi assaltado e a jovem estuprada. Na manhã do dia seguinte os três estupradores foram presos e levados de volta à Santa Cruz. Por volta das 16:30 horas cerca de 300 pessoas se concentravam na praça em frente à delegacia de polícia, aguardando a vinda dos três prisioneiros, que chegaram às 17 horas.

Entre às 17 e 21 horas, enquanto os presos eram interrogados, os populares foram se aglutinando em frente à delegacia. As 21 horas já eram cerca de mil pessoas e algumas delas protestavam atirando pedras no edifício da delegacia. Nesta altura chegou reforço policial de várias cidades vizinhas, incluindo

O descontentamento latente na população às vezes explode de forma imprevisível. Os graves incidentes entre a pacata população de Santa Cruz das Palmeiras e a polícia é um exemplo. Cerca de mil pessoas foram reprimidas com bombas, cassetetes, fuzis e metralhadoras, com um morto e 20 feridos. O povo deu o troco. Queimaram a delegacia e expulsaram os policiais da cidade a pedradas.

um pelotão de choque de Campinas, fortemente armado.

COVARDIA POLICIAL

Assim que chegaram, os policiais já prenderam duas pessoas que se achavam na praça, espancaram-nas brutalmente e as conservaram como reféns. Um pouco antes das 22 horas, a tropa cercou a praça. E atacou o povo com bombas de gás lacrimogêneo e cassetetes elétricos. Segundo o advogado José Ângelo Parisi, "a polícia cercou os populares que não tinham para onde ir e estavam desarmados". Os populares reagiram e lá pelas 23 horas a polícia já estava atirando com fuzis e metralhadoras. Alguns policiais se agachavam para fazer pontaria com maior segurança. Nos 15 minutos de tiroteio foi morto Dionísio Bortolo

to, com um tiro na cabeça. Populares que buscavam refúgio nos prédios vizinhos eram perseguidos e espancados pelos policiais da tropa de choque. Os tiros atingiram cerca de 20 pessoas. Mais de 50 ficaram feridas.

Leila Parisi, esposa do advogado José Parisi, enquanto aguardava a saída de seu marido da delegacia, viu os militares armados de fuzis e um lhe afirmou com um sorriso: "Mata-mos poucos, devíamos ter matado mais".

A VIRADA DO POVO

É verdade, Santa Cruz das Palmeiras é uma cidade pacata. Mas paciência tem limite. Diante de tanta crueldade, a ira do povo explodiu. Explodiu contra a polícia,

o delegado, a carestia e a fome. Começou a virada. A 1 hora, os policiais já fugiam sob uma chuva de pedradas do povo. Uma pessoa jogou sua bicicleta no parabrisas de um veículo policial. Estes responderam com tiros, que atingiu mais um jovem. Com a fuga dos policiais, o povo invadiu a delegacia, incendiando o prédio e um veículo abandonado pelos policiais. O que restou do prédio foi só escombros.

Passados quatro dias, a cidade ainda permanecia nas mãos do povo, enquanto a polícia, receosa, acampava na cidade vizinha de Casa Branca. E o fato repercutiu bastante no país. Os próprios homens do regime já estão assustados. O general Golbery do Couto e Silva já fala do risco que corre o regime "nessa enorme panela de pressão em que veio a transformar o organismo nacional". Em São Bernardo do Campo, em frente à fábrica da Volks, durante um comício contra o desemprego, um operário afirmava: "Aqui devemos fazer como em Palmeiras, não deixar a polícia entrar".

ELEIÇÕES SINDICAIS EM OSASCO - SP

A decisão está nas fábricas

Em Osasco, centro operário da Grande São Paulo famoso pela greve que realizou em 1968, os metalúrgicos intensificam a campanha para eleger a diretoria do seu Sindicato. E a disputa entre as duas chapas concorrentes domina o panorama das eleições sindicais neste início de ano, envolvendo questões tão controversas como o que é oposição e situação, o que é um pelego, o papel que o PT está jogando. Mas o problema-chave é o trabalho dentro das fábricas, que faz da chapa 1 a favorita.

"Eu já decidi: vou votar na chapa 1. Eu conheço os antigos diretores que estão na chapa e vi que eles fizeram muito pelo nosso Sindicato. Lutaram bastante, não fugiram das brigas contra os patrões. E também tem uns amigos aqui da fábrica que estão na chapa e são caras batalhadores". Este comentário foi feito por um metalúrgico do setor de expedição da Braseixos (com 5.400 operários e 2.150 sindicalizados), durante a madrugada, antes de entrar na fábrica.

Estes dois fatores — unificação dos trabalhadores através do sindicato e a representatividade na fábrica —, mencionados pelo metalúrgico, dão maiores possibilidades de vitória para a chapa 1, **Força Operária**, nas eleições sindicais de Osasco, de 26 a 30 de janeiro.

Há debilidades na chapa, mas de longe ela tem mais consequência no trabalho sindical que sua adversária, a chapa **Esperança Operária**. Um dos pontos débeis é o defensivo em determinados momentos. Na campanha eleitoral a chapa 1 ainda não fez comícios em portas de fábrica, demonstrando certa timidez. Enquanto isto a chapa 2, que conta com o apoio de todo o efetivo do PT de Osasco, está utilizando cerca de 20 carros, megafones e alto-falantes.

TRABALHO NAS FÁBRICAS

Dos 24 membros da Chapa Força Operária, 11 fazem parte da diretoria atual que, sem dúvida, reergueu o sindicato, antes conhecido como pelego. A diretoria, apesar das dificuldades, avançou junto com a luta da categoria. Hoje o sindicato tem maior representatividade e respeito, contando com 16 mil sócios (são 42 mil metalúrgicos).

Um dos segredos desta renovação foi que "o sindicato, que só chegava até a porta da fábrica, passou a

entrar nas fábricas", explica Toschi, o candidato a presidente. Nenhuma luta específica das pequenas ou grandes firmas foi menosprezada. Até os acordos de compensação, que antes eram feitos através de ofícios entre os patrões e o sindicato, passaram a servir para a organização da categoria. O sindicato exigiu assembleia no interior das fábricas, na hora da produção. Com este novo método fez inúmeras reuniões em pátios e refeitórios, como na Polivox, onde por duas vezes chegou a reunir 500 operários.

PELA CONSTITUINTE

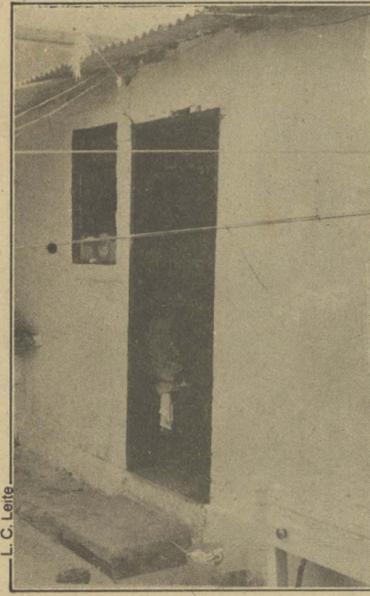
O programa de atuação da chapa para a próxima gestão é bastante avançado, e deve ser cobrado pelos metalúrgicos. Entre as lutas da categoria, levanta o problema da estabilidade no emprego, compromete-se a continuar com as assembleias nas fábricas e ajudar a organi-

zação de comissões de empresa, para resistir à exploração patronal. Fortalecimento dos departamentos e criação de novas subdesdes também faz parte do programa.

"Mas o sindicato não pode isolar a luta por melhores salários. A gente sabe que um dos culpados pelos baixos salários é o governo, que só defende os patrões e manda a polícia para bater nos grevistas. Por isto levantamos no programa a luta pela elaboração de novas leis, a começar pelas trabalhistas, através de uma Constituinte, convocada com liberdade por um novo governo", explica Clemente, membro da chapa.

PERIGO DE FRAUDE

A maior preocupação dos integrantes da chapa Força Operária é com a fraude nas eleições. Isto porque o atual presidente, Henos Amorina, está apoiando a chapa adversária e negou-se a dividir os mesários — cerca de 70 — entre as duas concorrentes. "E eles nos chamam de pelegos. Quem realmente pode dar uma de pelego são eles, os membros da chapa 2, utilizando-se da legislação eleitoral do governo para ganhar o sindicato", conclui Toschi.



Dona Dirce morava numa casinha de alvenaria no Jardim Robru. O custo de vida subiu e o salário do marido não acompanhou. Agora, vive numa favela, onde entra água por todo lado.

ESCALADA DOS PREÇOS

Sobra mês no fim do dinheiro

"Isso é um absurdo! Essas coisas só acontecem porque o povo ainda não está unido. Mas não é possível que essa situação dure muito tempo!" Estamos num mercado do Pão de Açúcar, no Bexiga, bairro típico de pequenissima burguesia, em pleno centro de São Paulo. A exclamação partiu de um funcionário público aposentado. Ele se referia aos preços de alguns produtos, remarcados naquele mesmo dia.

Na periferia, o povo chia muito mais. E não é para menos. Lá se encontram os operários, os trabalhadores menos especializados, o pessoal de renda mais baixa, os que têm que fazer muita ginástica para sobreviver. Sobra cada vez mais mês no fim do dinheiro. "É, o negócio está ruído — diz uma dona-de-casa de Figueira Grande, na Zona Sul — E meu marido não é dos que ganham pior: 25 mil cruzeiros". A mulher não trabalha fora e está esperando o terceiro filho.

Este mesmo quadro se repete, agravado, nas favelas. Conversamos com Dona Dirce, que mora no Jardim Colina, na Zona Leste de São Paulo. Seu marido, Francisco, veio da Bahia na seca de 1952. Vendeu as terrinhas que tinha para "fazer a vida" em São Paulo. Traba-

lha de vigia e também de pedreiro, tem dia que pega 36 horas direto. E assim mesmo não dá. "Se vivo numa pior não é por falta de trabalhar. É que a carestia come todo o dinheiro". Dona Dirce e Seu Francisco moravam numa casinha de alvenaria no Jardim Robru. Mas o custo de vida foi subindo e o salário não acompanhava. Resultado: tiveram que ir com os 8 filhos para a favela.

No ano passado, a inflação chegou a 111%, ou seja, os preços subiram mais de 2 vezes. Assim como Francisco, milhares de trabalhadores tiveram que ir morar nas favelas. O povo está mais faminto, com menos saúde. Vive com medo de amanhã ser pior. Ao que tudo indica, a inflação vai continuar aumentando. Somente para janeiro deste ano estão previstos aumentos do pão, leite, carne, gasolina.

GOVERNO NADA FAZ

Será que o governo está fazendo alguma coisa para resolver o problema? Dona Idalina, mãe de 4 filhos, moradora do Jardim Alfredo, é enfática ao responder: "O governo não faz nada, só ajuda a piorar. Afinal, quem está arrebuchando os salários não é o governo?" E ela destaca: "Esse tal de Varejão, Cestão

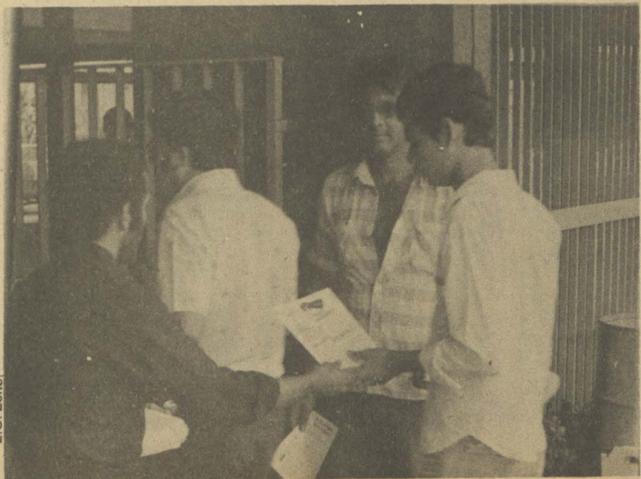
da Cobal, não resolve nada. Para dizer a verdade, nem sei onde fica".

Diversas donas de casa que se reúnem num Clube de Mães da Zona Sul acham que essas medidas "não servem prá nada". Os preços estão iguais e até mais caros do que na feira. E os produtos são de terceira qualidade. Essa opinião é compartilhada por um carregador do CEAGESP, onde funciona o Varejão. Em toda São Paulo a opinião generalizada é de que tudo isso não passa de cortina de fumaça.

CRIAR NOVAS LEIS

Todo mundo também esta de acordo que é preciso mudar essa situação. "O negócio — diz uma dona-de-casa — é derrubar esse regime, criar novas leis". Só que isso não é fácil. Tem muito chão até lá. O aposentado do Bexiga tem razão: o povo precisa se unir e se organizar.

Um membro do Movimento Contra a Carestia completa: "E aí que entra nosso movimento. Vamos unir todo mundo que está contra a alta dos preços. E junto exigir, por enquanto, congelamento dos preços dos gêneros de primeira necessidade, dos alugueis e dos transportes. Depois a gente toma fôlego e vai mais adiante". (Olívia Rangel)



Toschi (de óculos ao fundo), da chapa 1, na porta da Braseixos